

**LIVRO NOS TEMPOS DE #*LIKES*?!:**

**LITERATURA, INTERNET E SUAS TRANSFIGURAÇÕES[[1]](#footnote-1)**

**Jennifer da Silva Gramiani Celeste[[2]](#footnote-2); Juliana Gervason Defilippo[[3]](#footnote-3)**

**RESUMO:** O presente artigo objetiva explanar sobre as principais transfigurações experienciadas pela Literatura Brasileira impressa produzida na atual contemporaneidade, interceptada por elementos vinculados à grande rede de computadores, às novas tecnologias digitais e às práticas de consumo e manifestação artística na civilização do espetáculo. Para tanto, nos embasamos nos resultados obtidos a partir do desenvolvimento de dissertação de Mestrado, recentemente defendida, intitulada **O livro nos tempos de *#likes*:** transfigurações na literatura brasileira contemporânea. Este estudo também considerou os dados apanhados no ato de mapeamento de obras literárias impressas assinadas por jovens produtores de conteúdo digital, denominados blogueiros e *youtubers*, entre janeiro de 2008 e dezembro de 2016. A análise do supracitado levantamento, bem como a utilização de fidedignas referências de natureza teórica, indubitavelmente foram capazes de subsidiar nossas hipóteses acerca das possibilidades de ser e estar da Literatura no Brasil contemporâneo e digital.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea. Internet. Livro Impresso. Blogueiros. *Youtubers*.

**Introdução**

O escritor contemporâneo reflete seu tempo enquanto o vivencia e o transforma em poesia ou narrativa, porém, se orienta e tateia ainda no escuro, uma vez que o próprio momento de experienciação lhe foge aos dedos. Nesta escuridão, caminhamos todos nós, produtores e pensadores da Literatura atual, incapazes ainda de nos nomearmos.

A produção contemporânea é intensa e plural, circula entre a legitimada, oriunda da crítica e das grandes editoras, perpassando a produção periférica dos pequenos grupos editoriais e do espaço virtual. Jovens escritores conquistam lugares antes permitidos apenas aos experientes; desconhecidos escritores alcançam o suporte e a apreciação do público com a mesma rapidez que os célebres e reconhecidos. Diante de tão rico quadro, questionamentos surgem: o que caracteriza a Literatura produzida no Brasil neste início de século? Quem são os escritores e quais são suas influências? Diante de tantos gêneros e produtores, é possível ainda falar em Literatura canônica? É possível ainda falar em Literatura? Como as mídias e as editoras estão concedendo forma às produções e guiando produtores e consumidores? Indagações como estas nos invitam a uma reflexão atenta e despida de preconceitos frente à produção atual. As fronteiras estão se desfazendo e, diante disto, o depósito de novos olhares faz-se necessário para que possamos compreender a diversidade que ora se produz.

Compreender a Literatura a qual está sendo concebida na atualidade é uma maneira de refletir a respeito da cultura e da sociedade, compreendendo também suas vicissitudes e particularidades. Dizer que a produção atual é variada e plural não é uma novidade: qualquer leigo é capaz de perceber isto ao se deparar com a vitrine de uma livraria. Um mosaico é o que está fundando e formando a produção que hoje desfila diante de nossos olhares. Mas que produção seria esta corresponde a uma das perguntas que atualmente insistimos em nos fazer. Quais as cores que compõem este mosaico? Continuamos produzindo o que inauguraram as gerações anteriores ou inovamos em temas e formas? Há algo que unifique a produção do Brasil atual ou heterogeneidade é o que a sustenta? É possível falar em identidade nacional? Quem são os escritores que hoje produzem? Para qual público estão produzindo? Até onde a cultura de massa, as mídias e o meio de natureza digital interferem nesta produção?

Os estudos aqui propostos, defronte a estes tantos questionamentos, pretendem se debruçar diante da produção brasileira do século XXI em ambiente propiciado por redes sociais como *blogs* e canais do *YouTube* com o intuito de mapear esta produção e conhecer seus escritores e suas Literaturas. Ao mesmo tempo, propomos reflexões a respeito destas enquanto objeto de consumo e desejo, tal como tem se revelado nos últimos anos.

Compreendemos que a Internet se figura um dos fatores que têm alavancado as vendas dos livros e projetado seus escritores diante do grande público. Concomitantemente, percebemos o surgimento e a trivialização da figura do escritor. Procuramos, diante deste quadro que resume a Literatura no Brasil atual, mapear a produção e conhecer escritor e público a partir dos diálogos, das perspectivas e das confluências que norteiam tal geração.

O advento dos dispositivos de natureza eletrônica, bem como da Internet e das novas tecnologias digitais, contribuíram para a difusão de previsões apocalípticas acerca do fenecimento da Literatura, do leitor e do livro impresso. Neste sentido, a atual dinâmica conduzida pelo mercado editorial brasileiro evidencia outras possibilidades à tradicional manufatura literária. Verificamos, afinal, o investimento na materialidade do conteúdo digital, isto é, a publicação de obras impressas com base em materiais oriundos do ciberespaço.

A dissertação de Mestrado intitulada **O livro nos tempos de #*likes*:** transfigurações na literatura brasileira contemporânea[[4]](#footnote-4), contempla discussões teóricas alusivas às mutações as quais o campo literário estivera sujeito a partir do gradual fortalecimento das intricadas redes de comunicação, compartilhamento e participação, inatas ao meio virtual.

Objetivamos, de maneira geral, compreender algumas das transfigurações ocorridas na Literatura Brasileira Contemporânea, notabilizando as possíveis interfaces dialógicas entre Literatura e Internet. Pretendemos especificamente, via desenvolvimento desta pesquisa, averiguar o horizonte de possibilidades e oportunidades ofertado pelo ciberespaço aos jovens navegantes, especialmente no que se refere à expressão artística literária no formato impresso e o incentivo às práticas de leitura – e consumo – da Literatura atualmente produzida.

A relevância quanto à abordagem tocante às mutações as quais a Literatura hoje se encontra sujeita, tendo em vista sua produção e difusão inevitavelmente interceptada pela ascensão da grande rede de computadores e suas atribuições, corresponde à justificativa que circunda a realização da pesquisa acerca da qual aqui iremos brevemente dissertar.

Na primeira seção, **Bem-vindo à era digital**, foram adequadamente trazidas ao saber questões tangentes à gênese da Internet, do ciberespaço e da cibercultura, além de análise teórica e crítica em relação ao nascimento e à imersão de jovens na era digital, a utilização das novas tecnologias digitais por estes indivíduos e ao acolhimento deste movimento pelo sistema cultural de massa, atendo-nos ao entretenimento e às atuais relações de consumo.

**Depois da internet:** quando tudo começou a mudar, segunda seção do estudo, elucida a trajetória evolucionária percorrida pelo suporte livro, desde seu surgimento às mudanças em relação aos significados a ele atribuídos, ademais, a formação do mercado literário brasileiro.

Na quarta seção, intitulada **Livros de jovens blogueiros e *youtubers*:** um mapeamento, apresentamos o levantamento de obras literárias impressas de autoria de jovens influenciadores digitais. Em sucessão, conduzimos reflexões referentes aos dados que puderam ser extraídos do montante de produções a partir de cuidadoso olhar a ele depositado.

Em **Eu fico loko:** compreendendo as transfigurações na Literatura Brasileira Contemporânea, quinta e última seção desta investigação, trazemos à luz discussão a respeito da relevância da Literatura, do livro e da leitura ao público jovem nativo digital, concedendo destaque às perspectivas e às possibilidades que então passaram a circundar a Literatura.

A seguir, algumas considerações acerca da pesquisa desenvolvida.

**Literatura e internet:** **apontamentos necessários**

Segundo argumentação presente em **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade (2001), obra do sociólogo Manuel Castells, devido ao advento dos computadores e demais dispositivos de origem eletrônica, além da Internet, “[...] uma nova estrutura social, a sociedade em rede, está se estabelecendo em todo o planeta, em formas diversas e com consequências demasiado diferentes para a vida das pessoas, segundo suas histórias, culturas e instituições [...]” (CASTELLS, 2001, p. 305). O estudioso crê que assim como a comunicação se configura essência inata ao ser humano, sua prática, seja qual for a natureza, passara a estar sujeita a alterações em virtude da grande rede de computadores.

Para Castells (2001), o que possibilitou aos computadores e à Internet deterem o poder que atualmente lhes competem corresponde a *World Wide Web*[[5]](#footnote-5). Foi em meados dos anos de 1990 que a rede de computadores pôde funcionar com o auxílio de *softwares* adequados.

Em **Cibercultura** (2010), Pierre Lévy crê que o movimento de expansão quanto à difusão da Internet, além do vertiginoso crescimento do ciberespaço e da cibercultura, resulta em dinâmica a nível internacional liderada por jovens indivíduos. Muitas vezes, diz o filósofo, estes se demonstram entusiasmados para experimentarem coletivamente as maneiras por meio das quais lhes é possibilitada a construção de vínculos comunicacionais com seus semelhantes, obviamente distintas àquelas propostas – e impostas, já que não se tinha acesso, em temporalidades pretéritas, a outras – pelas mídias clássicas. Diante deste panorama, segundo Lévy (2010), cabe aos jovens explorar as facetas que a rede tem a oferecer-lhes.

A estes jovens aos quais Lévy (2010) se refere, em sua maioria nascidos e imersos na era digital, dá-se o nome de nativos digitais, como aponta Marc Prensky, especialista em tecnologia e autor do artigo **Nativos e inmigrantes digitales** (2001). Tais indivíduos, afirma o autor, apreciam receber informações de maneira ágil e imediata, sentindo-se demasiado atraídos pelo trabalho executado na grande rede, visto que este transcorre de forma lúdica e inovadora, majoritariamente sem o rigor das atividades estabelecidas como tradicionais.

Nicholas Carr, na obra **A geração superficial:** o que a internet está fazendo com os nossos cérebros (2011), explica-nos que a Internet não conecta seus usuários somente às oportunidades atreladas ao mundo dos negócios, por exemplo, mas também a outros indivíduos que ali navegam, comportando-se como ambiente no qual se propicia a difusão de informações dos âmbitos pessoal e comercial. Conforme ainda colocado pelo autor, expressivo montante de navegantes utiliza a rede de computadores com a finalidade de promover a divulgação de conteúdos por meio de fotografias, músicas, *posts* ou vídeos veiculados em redes sociais várias, tais como *blogs*, *Instagram*, *Snapchat*, *Twitter* e canais do *YouTube*, para citar apenas algumas de maior repercussão entre os internautas.

Como consequência, para Henry Jenkins, autor de **Cultura da convergência** (2008), a interatividade atinente à Internet levou-a a abarcar inusitadas ações executadas por seus usuários, desde agradáveis conversas até especulações negativas. Em suma, “[...] a tecnologia facilitou a organização das pessoas em torno de um interesse ou objetivo comum [...]” (JENKINS, 2008, p. 98), e as redes sociais, diz ainda o autor, permitem com que os usuários “[...] compartilhem informações e organizem planos de ação [...]” (JENKINS, 2008, p. 98).

Acerca do surgimento das novas tecnologias digitais, de acordo com Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, especialistas e autores dos diálogos teóricos estabelecidos no decorrer da obra **Não contém com o fim do livro** (2010), o computador e demais dispositivos eletrônicos tornaram-se capazes de reintroduzir os indivíduos na galáxia idealizada por Gutenberg, criador da prensa. Doravante, todos se viram obrigados a debruçarem-se sobre o ato da leitura. Conforme argumentado pelos estudiosos, o aprimoramento dos suportes da mesma, que se adaptaram cada vez mais àquilo que é exigido pelo público leitor, conduziu ao expressivo desinteresse deste contingente pelo objeto livro em seu tradicional formato.

Afinal, “[...] os papéis estão descartados diante da magia dos monitores e do ambiente digital? [...]” (RAMAL, 2002, p. 147). O questionamento da professora Andrea Cecilia Ramal, autora da obra **Educação na cibercultura:** hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem (2002), é de caráter provocador, haja vista a trajetória evolucionária percorrida pelo suporte literário e, principalmente, os anseios que circundaram – e ainda o fazem – o futuro das tradicionais obras impressas. Todavia, o teórico Alberto Manguel, frente a **Uma história da leitura** (2004), desmistifica tal predestinação, já que enaltece os sentidos e sentimentos envolvidos não apenas no fazer literário, mas especialmente na imersão em obras.

O verdadeiro culto ao livro impresso se faz eloquente no âmbito das redes sociais, julgando pelo fato de que as práticas de *reviews*, *unboxings* e *bookshelf tours* se constituem demasiada frequentes, principalmente entre os jovens administradores de *blogs* e canais do *YouTube*. Também devemos mencionar, no contexto em análise, o evidente estabelecimento de parcerias entre blogueiros, *youtubers* e grupos editoriais brasileiros, tendo por finalidade, tal ação, contribuir à disseminação do lançamento de novos títulos literários. Há ainda os clubes de assinatura mensal de livros, os quais, para além deste artefato, presenteiam os leitores com brindes diversos, quase sempre vinculados ao gênero ou à temática trazida à luz pela obra em questão. Entre estes, citamos apenas os mais relevantes no Brasil, tais como TAG Experiências Literárias e Turista Literário, ou aqueles oriundos de tradicionais livrarias nacionais, como Leitura. A editora Intrínseca também se organizara em prol deste feito.

E a celebração à Literatura impressa ocorre também de outras formas, reportando-nos às críticas e às discussões empreendidas nos *posts* publicados em *blogs* ou vídeos compartilhados no *YouTube* sobre esta ou aquela obra. Os *bookbloggers* e *booktubers*, produtores de conteúdo digital responsáveis por partilhar a adoração pelo universo literário, influenciam os seguidores de suas redes sociais não apenas a exercer a prática de leitura, mas também a adquirir os últimos lançamentos impressos e a construir suas próprias bibliotecas.   
Ainda, fomentam a prática de leituras coletivas e debates acerca dos livros selecionados. Isto, indubitavelmente, é encorajado pelo progressivo investimento, por parte das editoras, concernente à produção de edições literárias de luxo as quais possam vir a ser capazes de instigar o contingente de consumidores – vide materiais das editoras *Penguin* ou *Dark Side*.

As discussões atinentes ao âmbito literário também acontecem em outras mídias sociais, entre as mais populares, *Skoob* e *Good Reads*. Enfocando oportunizar aos internautas a constituição de suas próprias estantes virtuais e, mais do que isto, talvez, espaço de debate e compartilhamento, estas redes trazem à tona recursos diversos para a organização de obras cujas leituras já foram finalizadas ou aquelas as quais ainda se pretendem concretizar. Também é possível atribuir notas aos livros e opinar sobre novos lançamentos.

Até mesmo a publicidade relativa à Literatura atual conta com novos e diversos artifícios em virtude da riqueza de viabilidades propiciada pelo ciberespaço. Os livros ganham *hotsites* e *booktrailers* exclusivos a fim de que suas informações básicas, tais como autor, editora, número de páginas e sinopse, por exemplo, sejam divulgadas de modo personalizado.

Aproveitando este ensejo, não devemos nos olvidar de como as feiras literárias, antes temidas por muitos, passaram a se figurar os mais aguardados eventos do calendário anual. Lembremo-nos das últimas edições referentes às Bienais do Livro, com destaque para a Bienal realizada no ano de 2015, quando a jovem *youtuber* e influenciadora digital Kéfera Buchmann lançara seu primeiro título, arrastando verdadeira multidão de admiradores e seguidores para a sessão de bate-papo e autógrafos a qual seria por ela promovida[[6]](#footnote-6).

Logo, as teorias anteriormente elencadas, bem como estes fatos, desvendam-nos as possibilidades que detém autores, leitores e editoras em tempos contemporâneos. Assim sendo, apresentaremos a seguir algumas constatações às quais logramos alcançar a partir da confecção de levantamento de dados referente ao panorama sobre o qual nos inclinamos.

**Mapeamento da literatura impressa produzida por jovens blogueiros e *youtubers***

A partir da feitura de mapeamento[[7]](#footnote-7) compreendido entre janeiro de 2008 e dezembro de 2016, vislumbramos o atual panorama de publicações literárias impressas assinadas por jovens influenciadores digitais, popularmente nomeados blogueiros e *youtubers.* Recolhemos o total de duzentos e vinte autores, desde crianças a indivíduos na fase adulta:

**Gráfico 1:** Quem são os blogueiros e *youtubers* autores de livros?

**Fonte:** Autoria própria.

Do ano de 2013 ao ano de 2016, tem-se crescente aumento do número de publicações por jovens internautas, alcançando, neste último, a considerável marca de cento e cinco livros, a maior entre todos os anos analisados, conforme nos demonstra a representação gráfica:

**Gráfico 2:** Livros impressos de jovens blogueiros e *youtubers* (2008 – 2016)

**Fonte:** Autoria própria.

Percebemos, diante desta constatação, predominância quanto à produção escrita de jovens, fenômeno que nos auxilia a refletir com relação ao processo de escrita por estes indivíduos e o alcance dos produtos literários impressos e seus respectivos conteúdos, que se alternam entre gêneros como crônica, relato autobiográfico, narrativa ficcional e poesia[[8]](#footnote-8).

Sobrelevamos a publicação de expressivo número de obras cujos motes principais ofertam aos leitores relatos autobiográficos de seus ídolos da Internet; compartilhamento  
de experiências e informações que vão além da automática replicação de conteúdo virtual: notamos verdadeiro estabelecimento de diálogo e mantença de fiel relação entre pares. Conflitos inerentes à faixa etária, problemáticas relacionadas ao âmbito familiar e social, bem como questões particulares aos relacionamentos afetivos, todas estas temáticas, sem exceção, são abordadas nos livros impressos assinados por jovens produtores de conteúdo digital.

Cabe salientarmos que estas produções literárias, as quais contemplam relatos de natureza autobiográfica, são manufaturadas de modo semelhante aos diários de autoria de jovens indivíduos, constituindo-se repletos de fontes de diversas cores e tamanhos, assim como fotografias pessoais e até mesmo ilustrações confeccionadas por seus detentores.   
Logo, os trabalhos realizados no processo de diagramação e organização do conteúdo nas páginas dos livros em destaque considera as nuances de escrita e leitura de jovens.

Alguns, considerados precursores – citamos **Depois dos quinze:** quando tudo começou a mudar (Gutenberg, 2012), assinado por Bruna Vieira, ou **Não faz sentido:** por trás da câmera (Casa da Palavra, 2013), do *youtuber* Felipe Neto – expandiram as possibilidades, relativas ao campo literário, a outros jovens colegas de profissão – tais como **Diário de um adolescente apaixonado** (Novo Conceito, 2015), de autoria de Rafael Moreira, e **Tá todo mundo mal:** o livro das crises (Companhia das Letras, 2016), produzido por Júlia Tolezano.

Em contrapartida, porém, também observamos, no decorrer da feitura deste estudo, que famosos internautas os quais se consagraram na referida seara de produção literária, como Christian Figueiredo e Kéfera Buchmann, optaram por se enveredar por outras viabilidades do universo literário, firmando-se, às suas peculiares maneiras, no terreno relativo à ficção.

Algumas divergências concernentes às categorizações das obras em destaque, evidências estas trazidas à tona a partir de nossa atenta observação em relação às fichas catalográficas destes produtos literários, também puderam ser averiguadas e analisadas. Equivocadas ou deliberadas, as referidas divergências certamente saltam aos olhos, haja vista a utilização de expressões que dificilmente, em quaisquer instâncias, representariam o teor das obras literárias em questão. Aliás, termos comuns ao contexto de produção digital, entre estes, Internet, *blogs*, *vlogs* e *YouTube*, à título de exemplificação, constituem-se predominantes.

É evidente, ainda, que a imersão no montante de dados selecionados para este apanhado nos tornou capazes de melhor compreender acerca de que maneira as relações estabelecidas entre pares via ciberespaço, por intermédio das telas dos computadores, *tablets* ou *smartphones*, outrossim, das páginas impressas das produções de jovens blogueiros e *youtubers*, revitaliza o cenário vinculado às práticas de consumo literário, na atual temporalidade, por jovens nativos digitais nascidos e imersos no ecossistema tecnológico.

**O quê esta Literatura nos propõe a refletir?**

A dinâmica de investimento na materialidade do conteúdo da *Web* torna mais evidente e, portanto, frequente, a prática de culto ao livro impresso enquanto objeto de consumo entre as celebridades oriundas do meio digital. E para além do universo literário idealizado por estes internautas de sucesso, considerando outros títulos e lançamentos, podemos ainda mencionar que é por meio das postagens nos *blogs* e canais do *YouTube* que os administradores destas redes sociais enaltecem os produtos literários impressos.

O referido cenário torna-se imbuído de maior expressividade, especialmente se suas mídias vincularem-se à Literatura em geral. Neste caso, os influenciadores recebem a denominação *bookblogers* ou *booktubers*. A exemplo disto, aqui citamos as comuns práticas de *unboxings*, *reviews* e *bookshelf tours*, inatas ao ambiente virtual. Mediante a estas ações, os navegantes expõem aos apreciadores e seguidores suas impressões não apenas a respeito das abordagens temáticas trazidas à tona, mas acerca de todas as características físicas atinentes ao livro em questão, tais como capa, lombada, diagramação do texto ou gramatura das folhas.

Recordemo-nos de que as relações estabelecidas entre autores, leitores e editoras são agora mediadas pelas ferramentas de interação propiciadas por populares redes sociais, tais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. E o mercado editorial, via criação de selos ou de plataformas virtuais, entre *hotsites* e congêneres, reúne o novo e ativo público de leitores.

Assim, imerso em panorama social no qual dez ou quinze minutos ainda é o tempo da fama, um *blog* pode ser deletado, um canal do *YouTube* extinto e uma postagem qualquer esquecida em meio a *pixels* e *megabytes*, possuir uma obra literária impressa em mãos,  
tateá-la, folheá-la, enfim, senti-la em toda sua plenitude, concede vida ao jovem internauta – e agora leitor – nativo digital. A incursão a qual realizamos para o desenvolvimento desta pesquisa nos permitiu conjecturar que a Literatura Brasileira Contemporânea também pode vislumbrar inusitadas perspectivas quanto aos seus caminhos. Seja entre celebridades digitais, ademais, difusores das práticas de leitura, estes jovens navegantes lograram alcançar feixes luminosos que os demonstraram que a Literatura pode apresentar facetas outras, não necessariamente vinculadas à tradicional crítica literária outrora imposta pela academia ou àquilo que historicamente aprendemos a reconhecer como cânones (AGAMBEN, 2009).

Figura-se relevante clarificarmos que em nosso estudo não nos desfizemos das possíveis discussões a respeito do caráter qualitativo particular aos cotidianos lançamentos literários impressos em território nacional. Apesar de termos optado por não nos inclinarmos às singularidades deste espectro de análise, reconhecemos que atualmente o que há à disposição de leitores corresponde, com base no mapeamento antes proposto, à considerável número de artefatos de leitura que abrange, em sua maioria, temáticas convenientes aos cenários vitais comuns à juventude. Além disto, o apanhado de dados realizado reflete apenas recorte do extenso universo de viabilidades possíveis à indústria literária impressa e ao mercado editorial. Assim sendo, nos ativemos, por ora, ao depósito de olhares e expectativas quanto à mecânica de manufatura tradicional de livros em contexto cibercultural de massa.

Ademais, é preciso sobrelevarmos o fato de que hoje vivenciamos dinâmica distinta daquilo o qual fora compreendido como interação “[...] obra-autor-público [...]” (CANDIDO, 2010, p. 48). Na esfera relativa à produção de livros por jovens produtores de conteúdo digital, observamos que inicialmente o público obtém conhecimento acerca do autor, ou seja, o influenciador digital, independente de quem seja. Somente após sua plataforma virtual, o *blog* ou o canal do *YouTube*, ser reconhecida por esta ou aquela editora, é que haverá o convite à publicação de uma obra, a qual pode ser entendida, em meio a este trâmite, como espécie de consequência da relação estabelecida entre autor e público na conjuntura da manufatura de obras por jovens navegantes. Perante a estas especificidades, o esquema de Candido (2010), no quadro de produção literária atual, tornar-se-ia “autor-público-obra”.

Podemos ainda pensar a expressão literária liderada por jovens nativos digitais enquanto responsável, na atualidade, por desmistificar e qualificar os lugares da Literatura dedicada à jovem parcela populacional brasileira. Primeiro, pois esta produção deixa de estigmatizar o público jovem como aquele o qual não detém uma Literatura exclusiva, em parte por dificuldades de conceituação e concepção desta específica fase vital – o estudioso Peter Hunt (2010) nos ajuda a devanear acerca deste tópico, ainda que se refira especificamente à infância – e, como consequência, a falta de interesse de diversos setores do mercado de consumo. Segundo, pois concede espaço e voz para expressão destes indivíduos. Afinal, são os próprios jovens aqueles que hoje majoritariamente escrevem aos seus pares e, por conseguinte, tornaram-se capazes de alavancar a indústria literária brasileira juvenil.

Até mesmo autores brasileiros já legitimados entre os jovens puderam se aproveitar deste movimento. Paula Pimenta e Thalita Rebouças, por exemplo, lançaram, junto às jovens blogueiras e influenciadoras digitais Bruna Vieira e Bárbara Dewet, o título literário **Um ano inesquecível** (Gutenberg, 2013). O célebre quadrinista Maurício de Souza, o qual, em meados do ano de 2010, se aventurara nas viabilidades do universo dos mangás japoneses ao idealizar a Turma da Mônica Jovem, também se uniu a algumas jovens personalidades da Internet.   
**Uma viagem inesperada** (Nemo, 2017) traz aos leitores uma breve compilação de quatro contos escritos por Bárbara Dewet, Carol Christo, Melina Souza e Pâmela Gonçalves, famosas entre os jovens navegantes. Cada qual se apropriara de personagens femininas criadas pelo autor, em suas versões como adolescentes – Mônica, Magali, Denise e Marina.

Logo, as parcerias firmadas entre clássicos autores juvenis e os novos nomes da Literatura e da Internet brasileira podem ser compreendidas enquanto formas de renovação e revitalização de um público jovem cativo – e conectado – às novas tecnologias digitais.

Um fato, impreterivelmente, devemos reconhecer: estes livros, idealizados por jovens e dedicados aos seus pares, para além dos valores de literariedade ou critérios que vem a tornar um produto literário cânone e passível de análise acadêmica, são responsáveis, hoje, pelo processo de formação de novos leitores. Isto, pois são estes os livros que mais se diferem daqueles os quais tradicionalmente são ofertados por instituições escolares. E, como já esperado, os quais frequentemente encontram-se nas mãos dos jovens alunos, capazes de suscitar debates acerca de seus enredos, suas personagens e suas possíveis sequências[[9]](#footnote-9).

Sobre os livros os quais tomamos como nossos por emoção e instinto, “[...] sofremos através deles, nos regozijamos neles, os traduzimos em nossas experiências e essencialmente nos tornamos seus primeiros leitores [...]” (MANGUEL, 2008 apud. CARR, 2011, p. 158). Não se torna dificultoso compreender, portanto, por qual motivo vez ou outra os jovens se deparam com abismos quase intransponíveis entre as obras consideradas clássicas, impostas pelos programas de ensino, e aquelas as quais consideram suas prediletas por toda a vida.

Mediante a este fato, nos tornamos capazes de conceber este fenômeno, o qual abarca o massivo lançamento de livros impressos em evidência neste artigo, enquanto responsável por fazer surgir, em tempos nos quais a Literatura experiencia inevitáveis e notáveis mutações   
(PERRONE-MOYSES, 2016), verdadeiros cânones da atual contemporaneidade para o público jovem. Portanto, estes produtos literários, provenientes de uma cultura calcada nos sustentáculos do espetáculo e do consumo, devem ser compreendidos, sob este peculiar prisma de análise, como pontes ou elementos de caráter propulsor a outras vivências de completa incursão em distintas Literaturas – ainda que para alguns setores da crítica estas obras literárias sejam consideradas o resultado das relações líquidas típicas da atualidade ou simples fomentadoras da elaboração de bibliotecas e estantes líquidas (BAUMAN, 2008).

**Considerações finais**

Aproximando-nos do término deste artigo, no que se refere à Literatura assinada por jovens celebridades digitais, é preciso que suscitemos algumas importantes reflexões no que tange às escolhas realizadas ou aos caminhos trilhados por este ou aquele jovem internauta autor de livros impressos. Isto, pois é notável o apagar de holofotes ocorrido no transcorrer dos últimos dois anos em relação a específicos navegantes da grande rede que, na época na qual iniciamos a imersão na temática da dissertação já referenciada, constituíam-se em alta.

Aqui nos referimos não a termos quantitativos atrelados aos seus desempenhos no ambiente virtual, tais como os números de inscrições, visualizações, comentários ou *likes* que conferem às redes sociais as quais administram o *status* de fama ou sucesso – até por que, se realmente desejássemos afirmar a queda de aderência de admiradores aos *blogs* e canais do *YouTube* liderados por tais jovens, far-se-ia necessário outro levantamento. Também não nos ativemos, nesta reflexão, ao aumento ou à baixa quanto à demanda de suas imagens ou atuações para além das plataformas virtuais, seja na mídia televisiva ou na publicidade.

Verdadeiramente, dizemos, neste contexto, acerca do gradual – e literal – desaparecimento de jovens influenciadores da Internet da seara relativa à produção literária. Podemos mencionar, a exemplo, Bruna Vieira, Christian Figueiredo, Isabela Freitas, Felipe Neto e Kéfera Buchmann – para elencar aqueles de maior sucesso no mundo das telas e também das páginas dos livros impressos. Frente ao cenário em evidência, indagamos: para onde foram os jovens administradores de redes sociais também autores de obras literárias? Obviamente, outros tantos internautas escolheram se aventurar no universo literário encabeçando o lançamento de seus próprios livros. Inquieta-nos o fato de ainda não sermos capazes de compreender os motivos que conduziram alguns dos jovens escritores oriundos da grande rede desvencilhar-se das trilhas ofertadas pela indústria literária impressa ou pelo mercado editorial. Embora isto ocorra, sabemos, diante dos resultados logrados a partir da elaboração deste discorrer, que o exercício de observação do jogo de luzes inerentes à contemporaneidade, como apontado por Agamben (2009), poderá, exclusivamente ele, oferecer não constatações inabaláveis, mas indícios à concepção deste movimento.

Levados conscientemente – ou não – por efemeridade e turbulência peculiares aos mares do ambiente virtual e também da Literatura, os jovens navegantes – outrora, ademais, escritores – ainda se deixam guiar pelas novidades proporcionadas pela civilização digital, impressa e do espetáculo. Desbravam, assim, todas e quaisquer possibilidades de trabalho e reconhecimento que possam vir a obter, independente da materialidade dos suportes[[10]](#footnote-10).

Os jovens nativos digitais leitores, dentre diversos títulos, mas principalmente em relação aos livros assinados por seus ídolos da Internet, estariam fadados à orfandade? Observar o movimento retroativo que alguns representantes da dinâmica de investimento na materialidade do conteúdo digital têm realizado, nos ocasiona este devaneio, o qual será oportunizado responder, certamente, a partir da promoção de outras investigações.

Desde já, naquilo que aqui nos compete refletir, propomos: os jovens leitores de tempos contemporâneos e digitais dificilmente se tornarão órfãos, tão pouco distantes das práticas de leitura em materiais impressos ou das ofertas cotidianamente apresentadas pelo meio literário. Talvez, órfãos dos produtos literários manufaturados por administradores de redes sociais. Mas da Literatura dificilmente, posto que ao transfigurar-se tão velozmente como comum conexão de dados virtuais de boa qualidade, tal campo de manifestação artística demonstrara conseguir, surpreendentemente, abarcar via escrita as possibilidades de ser e estar no universo cultural e social da liquidez e das incertezas, típico da modernidade atual.

A Literatura produzida e compartilhada na contemporaneidade evidencia, portanto, oportunidades de interfaces dialógicas junto às manifestações promovidas no ciberespaço, compreendidas pelo sistema cibercultural. Para além dos *blogs* e canais do *YouTube*, veículos por intermédio dos quais ocorre a popularização das práticas de leitura e consumo literário, mencionamos também as plataformas virtuais de autopublicação literária *Wattpad* e *WidBook*, responsáveis por oferecer distintas experiências de produção transmidiática aos seus usuários.

Remetemo-nos, ainda, às demais mídias sociais citadas no decorrer deste breve estudo.

Desta maneira, estas ferramentas da *Web*, paralelo à produção e ao lançamento de obras literárias impressas assinadas por jovens celebridades oriundas do meio digital, demonstra-nos as viabilidades de ser e estar na atual temporalidade híbrida e interceptada por novas tecnologias digitais e formas de expressão. Afinal, esta corresponde à sociedade na qual telas convencionais ou *touch* e páginas impressas encontram-se e deleitam-se.

Cautelosos como nos sugeriria os apocalípticos e extasiados tal como os integrados, vivamos, portanto, não apenas o livro, mas também a Literatura nos tempos de #*likes*.

**Referências**

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios.**

Chapecó: Argos, 2009.  
  
BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria.   
Rio de Janeiro: Zahar, 2008.  
  
CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.   
  
CARR, Nicholas. **A geração superficial:** o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet,

os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHRISTO, Carol et al. **Uma viagem inesperada.** Belo Horizonte: Nemo, 2017.

DEWET, Bárbara et al. **Uma viagem inesquecível.** Belo Horizonte: Gutenberg, 2013.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro.**Rio de Janeiro: Record, 2010.  
  
FIGUEIREDO, Christian. **Eu fico loko.** São Paulo: Novo Conceito, 2015.  
  
FREITAS, Isabela. **Não se apega, não.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.  
  
HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.  
  
JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.  
  
LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2010.  
  
MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.  
  
MEYER, Stephenie. **Crepúsculo.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.  
  
MOREIRA, Rafael. **Diário de um adolescente apaixonado.**São Paulo: Novas Páginas, 2015.   
  
NETO, Felipe. **Não faz sentido:** por trás da câmera. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.  
  
PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI.**São Paulo: Companhia das Letras, 2016.  
  
PRENSKY, Marc. **Nativos e inmigrantes digitales.** 2001.   
Disponível em: < http://www.overpixels.com/sitio/2015/04/15/nativos-e-inmigrantes-digitales-por-marc-prensky > Acesso em 31 de out. 2018.  
  
RAMAL, Andrea Cecilia. **Educação na cibercultura:** hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.  
  
ROWLING, J. K. **Harry Potter.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.  
  
TOLEZANO, Júlia. **Tá todo mundo mal:** o livro das crises.   
São Paulo: Companhia das Letras, 2016.  
  
VIEIRA, Bruna. **Depois dos quinze:** quando tudo começou a mudar.   
Belo Horizonte: Gutenberg, 2012.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 16: Literatura, Identidade e Manifestação Cultural nas Redes, do XI Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2018). Especialista em Psicopedagogia (Clínica e Institucional) pela Faculdade Metodista Granbery (2017). Bacharela e Licenciada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2016). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2015). Atualmente é aluna da Especialização em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Metodista Granbery, ademais, pesquisadora do Grupo de Pesquisa “A Literatura e os Cibercaminhos”, sediado no Programa de Mestrado em Letras do CES/JF. E-mail: djeceleste@gmail.com. [↑](#footnote-ref-2)
3. Coordenadora Adjunta e Professora Titular do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Pós-Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. Editora da CES Revista (CES/JF). Líder do Grupo de Pesquisa “A Literatura e os Cibercaminhos”. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: julianagervason@cesjf.br. [↑](#footnote-ref-3)
4. É possível obter acesso à dissertação completa a partir deste *link*: < <https://www.cesjf.br/mestrado-em-letras-dissertacoes-2/2018/771--344.html> > Acesso em 20 de nov. de 2018. [↑](#footnote-ref-4)
5. Traduzido para a Língua Portuguesa como Rede Mundial de Computadores. [↑](#footnote-ref-5)
6. Mais informações no *link*: < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/jovens-lotam-bienal-do-livro-no-rio-para-ver-youtuber-kefera-buchmann.html> > Acesso em 20 de nov. de 2018. [↑](#footnote-ref-6)
7. Salientamos que este apanhado de dados fora realizado em consonância aos trabalhos conduzidos pelo Grupo de Pesquisa “A Literatura e os Cibercaminhos”, liderado pela Prof.ª Dr.ª Juliana Gervason Defilippo e sediado no Programa de Mestrado em Letras (Literatura Brasileira) pertencente ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Para acesso ao mapeamento em sua totalidade, sugerimos o seguinte *link*, no qual constam algumas instruções acerca de sua obtenção: < <https://entrelinhasentrepautas.blogspot.com/2018/07/o-livro-nos-tempos-de-likes.html> > Acesso em 20 de nov. de 2018, ou o envio de *e-mail* para djeceleste@gmail.com. [↑](#footnote-ref-7)
8. No que se refere à produção poética atrelada ao meio eletrônico, mencionamos os trabalhos artísticos e literários assinados por Pedro Antônio Gabriel, os quais dos guardanapos passaram às telas dos dispositivos eletrônicos e lograram alcançar as páginas dos livros em formato impresso. Para a devida imersão em sua manufatura, propomos a leitura do artigo **De Paulo Leminski a Pedro Antônio Gabriel:** diálogos atemporais na literatura brasileira contemporânea (CELESTE & DEFILIPPO, 2017), o qual pode ser acessado no seguinte *link*: < <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1201> > Acesso em 20 de nov. de 2018. [↑](#footnote-ref-8)
9. Acrescemos a isto todos os produtos de consumo e interação os quais venham a surgir a partir dos universos ficcionais apresentados pelos livros, entre adaptações para as telas do cinema, para o teatro ou outros materiais de publicação impressa, por exemplo. Que aqui possamos nos recordar de alguns notáveis fenômenos literários mundiais, tais como as sagas **Harry Potter** (Rocco, 2000), de J. K. Rowling, e **Crepúsculo** (Intrínseca, 2008), de Stephenie Meyer. No contexto de manufatura literária brasileira, liderada por jovens blogueiros e *youtubers*, é possível mencionarmos a trilogia **Eu fico loko** (Novo Conceito, 2015), de autoria de Christian Figueiredo, a qual fora transformada em longa metragem em 2017, ou a obra **Não se apega, não** (Intrínseca, 2014), assinada por Isabela Freitas, a qual, dois anos mais tarde, em 2016, fizera-se presente nos palcos do teatro. [↑](#footnote-ref-9)
10. Podemos aqui nos referenciar às criações literárias eletrônicas as quais ocorrem em plataformas virtuais de autopublicação, entre várias, elencamos *Wattpad* e *WidBook*. [↑](#footnote-ref-10)